Mulheres querem lugar na indústria extractiva

Notícias, Maputo, 07-02-2014, Pág 02, Col 01-31-2014

MULHERES representantes das províncias de Gaza, Maputo e Inhambane, reunidas esta semana, num seminário de formação, em Bilene, na província de Gaza, mostraram-se preocupadas com a baixa de ocupação e formação para o seu empoderamento e inserção nos projectos, sobretudo do sector dos recursos naturais, em curso no país.

Neste encontro, que envolveu parlamentares das assembleias provinciais da zona sul do país, sobre matérias da indústria extractiva, questionaram o facto de oportunidades para a prestação de serviços e bens não aproveitarem as não corresponderem aos interesses locais, deteriorando, por isso, a necessidade de se criarem políticas que facilitem essa inserção diferenciada no sector.

O encontro, cujo lema foi "participação política do género na indústria extractiva", reuniu 48 mulheres das três províncias do sul do país, para reflectirem sobre como buscar dividendos dos recursos naturais existentes no país. O debate contou com a participação da governadora de Gaza, Margarida Mapanzulane Chenge, que falou da sua experiência política e de gestora executiva.

Ao longo da formação, constatou-se que a mulher já assume lugar de destaque na política, mas ainda está aquém dos desafios em outras sucessões da sociedade, com vista a se atingir a representatividade. A nível dos governos provinciais e dos órgãos de representação do Estado, nas províncias, a estatística mostra que quase 50 por cento dos líderes são mulheres. No Parlamento, a quota de participação da mulher é de cerca 40 por cento, quase a metade, o mesmo acontecendo ao nível das assembleias provinciais.

Um dos exemplos de determinação vem da governadora de Gaza, Margarida Mapanzulane Chenge, que ainda está colhendo o poder e chefia, ainda ao nível da escola, onde várias vezes foi indicada como representante dos seus colegas do sexo e do carácter informal.

Indústria extractiva

Incentivar a formação

Alice Francisco

ALICE Francisco Chaúlo considera que o empoderamento da mulher depende de políticas de promoção da educação voltada à igualdade nas oportunidades, tendo por isso encorajado as mulheres a aproveitarem mais na formação académica e técnica, visando o seu empoderamento e superação constante.

De acordo com a oradora, a aposta na formação garante à mulher a possibilidade de concorrer em igualdade de oportunidades com os homens nos lugares de destaque no país. Com este tipo de iniciativas, a mulher continuará a disputar com os homens lugares do maior relevância em diversas instituições existentes no país, bem como estará capacitada para responder aos desafios actuais.

"Até há bem pouco tempo, a mulher era considerada um instrumento caseiro. Estamos na luta, não para usurpar os direitos do homem, mas sim para que haja justiça e igualdade, para que os nossos direitos sejam salvaguardados", sublinhou.

Alice Francisco relatou situações ainda muito densas na sua província, apontando a discriminação, a desigualdade de oportunidades e a violência, entre outros, como os principais problemas que as mulheres enfrentam e sobre os quais a sociedade deve dar respostas energéticas, a fim de se promover a igualdade de género.

"Infelizmente tem tudo para dar certo, temos o gás natural de Temane, temos vários recursos energéticos e hídricos, e temos principalmente os seus filhos e filhas e a força de desenvolvimento", frisou.

Relatou que depois deste encontro, não vão hesitar em cumprir o dever de encorajar as mulheres a desperdiçarem a timidez para o trabalho, com vista a fazer parte das potencialidades e oportunidades que a província de Inhambane, em particular, e o país, em geral, oferecem.

Fazemos a diferença

Margarida Mapanzulane Chenge

MARGARIDA Mapanzulane é a segunda mulher a assumir a pasta do executivo provincial na história da província de Gaza e explica que a experiência mostra que a mulher, quando colocada nos centros de tomada de decisão, torna-as de forma mais equilibrada e faz a diferença. Por isso, segundo ela, ser mulher dirigente requer uma responsabilidade acrescida, pois a sociedade espera por resultados positivos.

A dirigente falou da sua inclusão política que se materializou através da Organização da Juventude Moçambicana (OJM), passando pela Organização da Mulher Moçambicana (OMM) e ainda tendo a experiência parlamentar e o actual desafio de ser a primeira mulher que chega ao cargo de governadora da província de Gaza, através do voto.

Mapanzulane descreve a perseverança, fora, criatividade e dedicação como algumas boas independentes na trajectória inspiradora para várias mulheres que almejam alcançar êxitos, mas, acima de tudo, a formação académica. Disse que é possível a mulher conciliar os estudos, a família e o trabalho.

Para Mapanzulane, o processo de desenvolvimento de uma região requer a conjugação de esforços de todos os extractos da vida e sociedade, incluindo homens e mulheres. Mas, segundo ela, nem tudo é um mar-de-rosas, apontando haver dificuldades que devem ser ultrapassadas. A governante considerou que a inserção de mulheres para funções de tomada de decisão ainda continua um acto de coragem por parte de quem detém o poder, por ainda se viver numa sociedade culturalmente machista.

Para a dirigente, a ocupação de cargos de decisão por mulheres é a concretização de um dos princípios do empoderamento das mulheres.

"Nesta aposta, no nosso contexto, temos muitos mais-os. Uns das lições sobre a inserção das mulheres para funções de tomada de decisão é o papel das lideranças que, às vezes, devem ter a coragem de ir contra o senso comum, como teve Filipa Nyusi, quando em 2013 permitiu seu marido Filipe (Nyusi Pinto Nyusi Jr.) para governador da província de Gaza, culminando na ruptura da machista.

Estamos no caminho certo

A MEMBRO da Assembleia Provincial de Gaza assume que a afirmação da mulher exige o envolvimento participativo dessa força, nas estratégias tendentes à sua promoção e progresso numa sociedade ainda dominada por pensamento machista.

Isolina Nhantumbo explicou que as mulheres devem

progresso numa sociedade ainda dominada por pensamento machista.

Isolina Nhantumbo explicou que as mulheres devem desenvolver várias competências, para se tornarem mais resilientes e garantirem a sua estabilidade socioeconómica. Para tal, é necessário apostar fortemente na auto-capacitação, de modo a desenvolver várias competências.

Lamentou o facto de, se nalgumas áreas há progressos com a ascensão do género feminino aos lugares de destaque nas instituições públicas e privadas, em outras ainda se têm registado muitos problemas, principalmente no que diz respeito à violência doméstica, pobreza, analfabetismo, entre outros.

"A mulher já está a assumir-se pessoagem-chave para o desenvolvimento das sociedades. Estamos no caminho certo, apenas precisamos de ser formadas, fortes e realizadas, para vencermos os obstáculos que ainda são muitos. Deste-se investir no empoderamento das mulheres, como factor essencial de desenvolvimento da nossa província e do país", sublinhou.

Como membro da Assembleia Provincial pelo círculo eleitoral de Chókwè, Isolina Nhantumbo quer, a partir daqui, dar maior contributo para o aprofundamento da solidariedade entre as mulheres, assim como ser veículo de transmissão do seu papel em prol da igualdade de género.

Isolina Nhantumbo

Há discriminação

Há discriminação nas igrejas

A PASTORA e presidente do Conselho Cristão de Moçambique, Felicidade Chirinda, denunciou o comportamento discriminatório e violência contra as mulheres dentro das igrejas. Explicou que o contributo da mulher no meio religioso começou a ser ofuscado no século XIX, com a chegada ao continente africano de missionários europeus, que trouxeram outras filosofias separatórias.

Felicidade Chirinda foi uma das oradoras da formação, falando do seu percurso de vida como pastora, técnica de saúde e do seu papel para a sociedade que, segundo disse, não foi fácil conquistar a sua posição de mulher empoderada. A sua caminhada teve muitos altos e baixos, como para qualquer ser humano, mas conseguiu superar as barreiras, até atingir as suas metas, graças à força divina.

A dirigente disse que o desejo de servir a Deus, como pastora, foi uma decisão que, nalgum momento da sua vida, lhe custou caro, lembrando que no momento crucial da sua formação em teologia sofreu dificuldades de aceitação, barreiras e abandono por quem tanto esperava, a sua igreja.

A responsável religiosa referiu haver ainda muitos caminhos por percorrer, para acabar com as desigualdades no meio religioso, pois ainda existe resistência para se nomear mulheres para cargos pastorais, bispos, diáconos, entres outras funções de liderança e tomada de decisão, sugerindo que esse trabalho seja feito a partir da base, com os adultos e as crianças.

"A igualdade de género, nos diversos órgãos políticos, tem sido um grande ganho nos últimos tempos, devido às políticas que têm sido tomadas pelo Estado, no âmbito da inclusão dos cidadãos no trabalho do desenvolvimento do país. Gostaríamos também de ver, nas instituições religiosas, uma participação eficaz da mulher. Precisamos de muito trabalho para mudar o cenário, com vista a alcançar as metas de 50/50, até 2030, mas se conseguíssemos até 30 por cento de participação feminina já seria um resultado positivo", destacou a pastora.

Segundo a reverendo Felicidade Chirinda, a mulher sempre desempenhou um papel mais activo na sociedade, embora ainda sofra com as heranças históricas. Graças às lutas contínuas, ela vem ocupando o seu lugar nas estruturas sociais, abandonando a figura de mera dona de casa e assumindo posições importantes na sociedade.

Felicidade Chirinda

Formação para mais visibilidade

O PRESIDENTE da Assembleia Provincial de Gaza referiu que a formação permite maior visibilidade da mulher nos processos políticos e equilíbrio, sobretudo, no sector extractivo, sendo, por isso, necessário dar educação científica e legal as mulheres para que, individualmente, mudem a sua situação de discriminação.

"Apesar de reconhecermos que os papéis e actividades das mulheres e dos homens são diferentes, factores estruturantes impõem-nos que aceitemos profundas reformas, de modo a permitir a incorporação da visão, interesse e necessidades da mulher, com vista a contribuirmos para o sucesso da equidade do género.

José Tsambe entende que, com o saber fazer na política, no direito e na indústria extractiva, a mulher terá o poder de incentivar alterações funcionais e estruturais, organizando e melhorando o desenvolvimento de processos políticos de tomada de decisões equitativas.

José Tsambe